

A CADEIA PRODUTIVA TÊXTIL: ESPAÇO DA ARENA DA PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO DA MERCADORIA

The Textile Productive Chain: Space of the Arena of the Production and Accomplishment of the Merchandise

Prof. Ms. Marcos Antonio Bezerra Costa¹

Artigo recebido em 28/11/2005 e aceito para publicação em 22/03/2006

RESUMO: *O objetivo central do presente artigo é descrever os agentes do processo de comercialização e as etapas da cadeia produtiva têxtil (a montante e a jusante). Pretende ser de utilidade para os que se interessam pelas relações comerciais, econômicas e geográficas da indústria têxtil. Em particular, nas relações comerciais com os fornecedores de matérias-primas e com os fornecedores dos produtos acabados. Aborda-se o conjunto de atividades da cadeia produtiva têxtil nas diversas etapas consecutivas de processamento ou montagem, pelas quais passam e vão sendo transformadas e transferidas os diversos insumos, a partir das matérias-primas básicas — fibras de algodão, fibras sintéticas e filamentos artificiais e sintéticos — em produtos finais para comercialização — fios, tecidos e confecções. A análise se dará através de um estudo de caso na indústria têxtil Fiação Ceará. (Re)constrói-se o objeto a partir da experiência imediata (conhecimento empírico) e de sua crítica teórica, tomando a indústria têxtil como particularidade.*

Palavras-chaves: espaço, indústria têxtil, relações comerciais, cadeia produtiva, concorrência capitalista.

ABSTRACT: *The central target of the present article it is to describe the agents of the commercialization process and the stages of the textile productive chain (the between input and output). It Intends to be of usefulness for the ones that they are interested in the relationships commercial, economical and geographical of the textile industry. In matter, in the commercial relationships with the suppliers of raw materials and with the suppliers of the finished products. To approach the group of activities of the textile productive chain in the several consecutive stages of processing or assembly, for the which pass and they go being transformed and transferred the several inputs, starting from the basic raw materials - cotton fibers, synthetic fibers and artificial and synthetic filaments - in final products for commercialization - threads, woven and makings. The analysis will feel through a case study in the industry textile Fiação Ceará. (Re)constructing the object from the immediate experience (empirical knowledge) and of its theoretical critic, taking the textile industry as particularity.*

¹ É Mestre em Geografia, professor do ensino médio. Com formação no Mestrado Acadêmico em Geografia – MAG, da Universidade Estadual do Ceará – UECE, área de concentração: análise geoambiental e ordenação territorial nas regiões semi-áridas e litorâneas. mabcquixada@bol.com.br

Key-words: *space, textile industry, commercial relationships, productive chain, capitalist competition.*

1. INTRODUÇÃO

O objetivo básico desse artigo é descrever os agentes do processo de comercialização e as etapas da cadeia produtiva têxtil (a montante e a jusante), tira proveito do aprendizado empírico do autor e pretende ser de utilidade para os que se interessam pelas relações comerciais, econômicas e geográficas da indústria têxtil. Em particular, nas relações comerciais com os fornecedores de matérias-primas e com os fornecedores dos produtos acabados. A análise se dará através de um estudo de caso na indústria têxtil Fiação Ceará.²

(Re)construindo o objeto a partir da experiência imediata (conhecimento empírico) e de sua crítica teórica, tomando a indústria têxtil como particularidade, traçar-se-á a sua espacialização, pois conforme nos fala Harry Braverman, é necessária à combinação deste conhecimento com a acuidade teórica, para que se possa desenvolver melhor uma análise do problema. Segundo esse autor

[...] somente um gênio como Marx pôde analisar o processo do trabalho no regime capitalista sem sequer ter sido implicado imediatamente nele, e fazê-lo com inextinguível brilho e percuciência. Para o comum dos mortais, a experiência direta é condição *sine qua non*, como eloquentemente o testemunham os lúgubres registros dos diversos “peritos” acadêmicos e “autoridades” nesses assuntos [...]. A combinação da experiência prática e acuidade teórica — combinação que por definição quase sempre falta às nossas ciências sociais — que lhe permite oferecer uma contribuição de inestimável importância para a compreensão da sociedade em que vivemos (BRAVERMAN, 1987, p. 10).

Aborda-se o conjunto de atividades da cadeia produtiva têxtil nas diversas etapas consecutivas de processamento ou montagem, pelas quais passam e vão sendo transformadas e transferidas os diversos insumos, a partir das matérias-primas básicas — fibras de algodão, fibras sintéticas e filamentos artificiais e sintéticos — em produtos finais para comercialização — fios, tecidos e confecções.

Na cadeia produtiva, a indústria estreitamente está relacionada através de compras e vendas correntes, constituindo, quase sempre, nos principais mercados e/ou fornecedores das demais atividades participantes. Coutinho e Ferraz (1995) no Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira, faz uma crítica à cadeia produtiva têxtil em relação ao pequeno grau de integração existente, onde, segundo eles, praticamente inexistem processos cooperativos, de forma que os ganhos de produtividade derivados da especialização possam garantir melhores condições de competitividade aos participantes (COUTINHO E FERRAZ, 1995, p. 324).

A produção brasileira de algodão na safra 2003/2004 foi de um milhão duzentos e cinquenta mil toneladas, a quinta do mundo, segundo o diretor da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa). O Brasil se transformou em um dos grandes exportadores desta fibra para o mercado mundial. Em quinto lugar, perde apenas para os Estados Unidos, Usbequistão, Austrália e Grécia. Com previsão de superar esses três últimos, brevemente, ocupando a terceira posição (Jornal O Estado de São Paulo, 2003).

Entre os anos de 1993 a 2000, o País teve um déficit de US\$ três bilhões na balança comercial do algodão (Jornal O Estado de São Paulo, 2003).

² Nome fictício da organização estudada.

Em decorrência, principalmente, da praga do bicudo nas plantações desta fibra no País. Ainda hoje é a principal praga da cultura. Com programas de manejo e pesados investimentos em tecnologias e em pesquisas (desenvolvidas pela Embrapa), o clima adequado, que permite colher até duas safras anuais, o Brasil tem aumentado a produção e a produtividade do algodão a cada ano — a lavoura de algodão tem rentabilidade superior em quatro vezes à lavoura de soja, embora o investimento inicial da primeira cultura seja maior e dê mais trabalho, antigos produtores de soja migram para plantações do algodão visando maior lucratividade. A partir de 2001, a balança comercial do algodão começou a registrar superávits.

Com a relação à qualidade, o algodão brasileiro ainda tem um longo caminho a percorrer, se comparado ao algodão australiano ou o israelense. A diferença é com relação à irrigação, que é feita neste dois países, ainda é deficiente no Brasil. Mas vem melhorando muito nos últimos três anos, diminuindo em alguns pontos percentuais a diferença de qualidade existente.

Ao analisar a cadeia produtiva têxtil na medida em que a concorrência capitalista das empresas depende do seu meio ambiente imediato, a arena concorrencial se amplia, deixando de ser apenas a dos mercados imediatos de vendas de mercadorias/serviços e aquisição de insumos, para também incorporar mercados a montante e a jusante da cadeia produtiva têxtil. Fazendo-se necessário observar os efeitos que os produtos levam para frente e para trás (*linkages*).

O artigo está dividido em nove seções. Na primeira tem-se a introdução. Na seqüência mostra-se a empresa objeto do estudo de caso. A importância da indústria têxtil para o estado do Ceará é descrita da seção seguinte. A quarta seção destina-se a cadeia produtiva têxtil, onde o âmbito de análise se dará num nível menor de agregação do macro

complexo têxtil, envolvendo basicamente as seguintes etapas de produção: beneficiamento de fibras naturais, fiação e tecelagem/malharia.

Posteriormente discute-se a organização espacial da indústria têxtil do Ceará onde, a princípio, percebe-se tendência a *clusterização*.³ Na sexta seção são detalhadas as relações comerciais da indústria têxtil com os cotonicultores e com os clientes dos produtos acabados. A sétima seção complementa a anterior, mostrando como agem os prováveis compradores dos fios têxteis. As estratégias das indústrias no mercado do fio têxtil são comentadas na seção posterior. A concorrência capitalista, onde o sistema premia os competidores mais agressivos, os vencedores, quando esses ganham às custas dos demais, é abordado na oitava seção.

Por fim, as considerações finais, onde se observa que o espaço do estado do Ceará passa a ser exportado. Importam-se empresas têxteis para o solo cearense. Busca-se a todo o custo a homogeneização, onde ondas de modernizações e crescentes mercantilizações conectam o local e o global, ocorrendo, concomitantemente, o trabalho em rede nas empresas. Tem-se que os empresários do setor têxtil do estado do Ceará, buscam a abertura de novos mercados, principalmente com fim do sistema das cotas que disciplinava o comércio mundial de têxteis há quarenta anos e que passou a vigorar a partir de primeiro de janeiro de 2005, com isso, os impactos no mercado nacional, muito provavelmente, serão o excesso de oferta de mão-de-obra e diminuição das exportações.

2.A FIAÇÃO CEARÁ

Trata-se de indústria de grande porte e representatividade para economia cearense, que tem contingente operacional de quinhentos e trinta trabalhadores. A produção de fios é basicamente para exportações, cujo destino principal são as

³ Aglomeração: distrito Industrial.

Regiões Sul e Sudeste do Brasil, principalmente os estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Localiza-se no Distrito Industrial de Pajuçara, na Cidade de Maracanaú – CE.

A fiação pesquisada foi fundada no ano de 1982 com capital cearense de propriedade de família com tradições industriais e políticas. No início da

pesquisa esta unidade têxtil funcionava com duas unidades fabris: uma de filatórios anéis — convencional —, que continua em franca atividade e, a outra, de filatório a rotor — open-end, que foi transferida durante a pesquisa para nova unidade em outro Estado da região nordestina. Os quadros 1 e 2 resumem dados recentes sobre a Fiação Ceará.

Quadro 1- Os Principais produtos da Fiação Ceará

Principais produtos	%	Mercado
Fio penteado	80%	100% interno*
Fio cardado	20%	100% interno*

Fonte: elaboração do autor, baseado em pesquisa institucional.

* Em algumas oportunidades, principalmente para assegurar mercado, vende para cliente do mercado exterior. Principalmente EUA e Europa.

Quadro 2 - Informes econômicos da Fiação Ceará

Faturamento anual	R\$ 74.400.000,00
Lucro operacional (1999)	R\$ 594.000,00 *
Consumo de matéria prima	9 mil/toneladas/ano
Procedência	Bahia
Produção de fios	8,1 mil/toneladas/ano
Destino	Santa Catarina, Paraná e São Paulo
Empregos diretos	530

Fonte: elaboração do autor, baseado em pesquisa institucional.

* Fonte: GAZETA MERCANTIL, ob. cit., 1999, pp. 126 -7.

Obs. o faturamento anual corresponde a 2003; já com relação ao lucro operacional o ano base é 1999.

3.A IMPORTÂNCIA DA INDÚSTRIA TÊXTIL

A primeira aproximação do “objeto”, mostra que a indústria têxtil possui características que se destacam no conjunto da indústria cearense: existe grande dependência com relação aos mercados externos, no que se refere à compra de matéria-prima, bem como na comercialização do produto; o segmento têxtil do Ceará é responsável por dezoito mil empregos diretos (Gazeta Mercantil, 1999, p. 125) e aproximadamente quarenta mil indiretos (IVAN

BEZERRA, ex-presidente do Sindicato das Indústrias Têxteis do Estado do Ceará •Sinditêxtil-CE“, 2001); o Estado é o segundo maior importador de algodão do País; posição idêntica no que se refere ao pólo têxtil Nacional (desbancou Minas Gerais, ficando atrás somente do estado de São Paulo); possui faturamento anual de dois bilhões de dólares, representando 16,5% do PIB estadual; paga um total de R\$ 110 milhões de ICMS/ano (SAMPAIO, 1997, p. 630).

É também a primeira do País em termos de

modernização, possui vinte e duas unidades fabris, produz cento e quarenta mil toneladas/ano de fios, malhas, tecidos, índigos e jeans; consome 44% de toda energia do Estado (SAMPAIO, 1997, p. 630), estando em franco desenvolvimento, principalmente as malharias e as confecções. Dez Indústrias têxteis locais já implantaram a ISO 9002, ou estão em fase final de implantação.

As exportações de produtos têxteis ocupam hoje uma posição de destaque na balança comercial cearense, sendo responsáveis, juntamente com o setor de calçados e da castanha de caju, pela quase totalidade das exportações pelo Porto do Mucuripe (Jornal Gazeta Mercantil, 1997).

Para além da percepção imediata (empírica) faz-se necessário estabelecer a mediação para desvendar a dinâmica da acumulação no setor têxtil.

A lógica espacial dessa indústria indica primeiramente que, com relação ao trabalho e a gerência acontecem tentativas de novos modelos de gestão da força de trabalho, através de inovações organizacionais voltados para realizar uma nova captura da subjetividade operária pela lógica do capital, capaz de promover uma nova racionalização do trabalho e manipular o consentimento operário.

4.A CADEIA PRODUTIVA TÊXTIL⁴

O macro complexo têxtil é formado por dois conjuntos de indústrias francamente articuladas: têxtil e vestuário e calçados. Isso se dá, principalmente, porque ambos têm a mesma função de consumo pessoal, além de possuírem estruturas de mercado e de comercialização semelhantes.

Procura-se privilegiar na pesquisa as relações comerciais da Fiação Ceará, para mostrar

um menor nível de agregação desse macro complexo, excluindo as indústrias de vestuário e calçados. Desse modo, a caracterização do complexo têxtil se resumirá basicamente as seguintes etapas de produção: *beneficiamento de fibras naturais, fiação e tecelagem/malharia*.

O Figura 1. apresenta a estrutura da cadeia produtiva têxtil, no qual é possível observar a interação entre os segmentos fornecedores (equipamentos, produtos químicos, fibras e filamentos) e os produtos de manufaturas (fios, tecidos, malhas) e bens acabados (confeccionados têxteis).

As principais atividades produtivas do complexo têxtil podem ser assim caracterizadas (Banco do Nordeste, 1999, p. 12):

- 1) Fiação — etapa constituída da manipulação da matéria-prima “natural, artificial ou sintética”, até a bobinagem do fio. Incluem tarefas com abridores de fardos, batedores, misturadores, alimentadores, cardas, passadores, penteadeiras, maçarqueiras, filatórios, bobinadeiras “conicaleiras” e retorcedeiras. O produto final de uma fiação é sempre o fio cru, enrolado em cone.
- 2) Tecelagem — inicia o processo a partir dos fios produzidos nos filatórios, destinando-se aos teares, até a coleta do tecido e sua preparação para entrega. Desse modo, abrangem atividades com espuladeiras, urdineiras, engomadeiras de urdumes, teares e enroladeiras. O produto final de uma tecelagem é sempre tecido plano tingido ou não.

⁴ A cadeia produtiva têxtil no Brasil congrega mais de 30 mil empresas e emprega aproximadamente 1,5 milhões de trabalhadores (1,7% da população economicamente ativa, ou 16,7% do total da força de trabalho alocados na indústria de transformação). O valor da produção em 2003 foi de US\$ 20,1 bilhões, equivalente a 4% do PIB total brasileiro e 17% do PIB da indústria de transformação, segundo a ABIT (Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção). Fonte: <http://www.global21.com.br/informessoriais/setor.asp?cod=11>

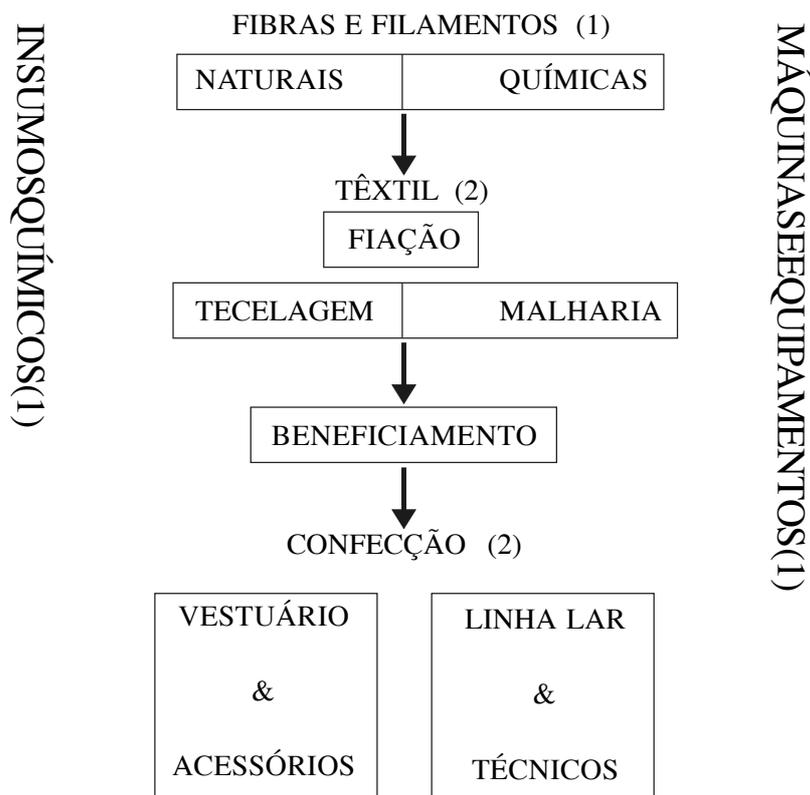


Figura 1 - A cadeia produtiva têxtil⁵

Notas: (1) – segmentos fornecedores;

(2) – cadeia produtiva têxtil e confeccionista.

3) Malharia — representa as operações que vão desde a manipulação de fios/filamentos para entrada de teares de agulhas “circulares ou retilíneos”, até a obtenção do tecido de malha. O produto final de uma malharia é sempre malha “crua” ou “acabada”.⁶

Os fios podem ser produzidos a partir de fibras naturais †algodão, seda, lã entre outras , e sintéticas †químicas ou celulósicas ou ainda da combinação entre elas. As indústrias de fiações são especializadas na fabricação de fios penteados e

cardados, parafinados ou não, singelos e retorcidos, fios mistos e algodão/poliéster.

Tanto em relação à fiação do algodão quanto às fibras químicas cortadas, a capacidade de produção de uma fiação é especialmente determinada pelos filatórios, que podem ser classificados em três tipos básicos, diferenciando-se principalmente em relação à velocidade de produção, aos níveis de automação alcançados e à qualidade e espessura do fio produzido. Os principais tipos de filatórios são:

⁵ Fonte: Banco do Nordeste, 1999, p. 11.

⁶ Malha acabada, diz-se da malha tingida. Diferentemente da crua, que ainda na passou pelo processo do acabamento têxtil.

- a) Filatórios de anéis — utilizam o princípio tradicional de estiramento do pavio de algodão conjugado com uma torção no fio. Este é extremamente versátil, uma vez que pode produzir fios de todos os títulos “espessura”, tendo incorporado avanços técnicos ao longo do tempo.
- b) Filatórios de rotores — conhecido como *open-end* — são equipamentos que apresentam maior produtividade que a fiação por anéis, já que pode alcançar maior velocidade de produção, além de eliminarem etapas de fiação tradicional. Sua aplicação, contudo, limita-se à produção de fios mais grossos, sendo utilizado, principalmente, na produção de jeans.
- c) Filatórios *jet spinner* — apresentam alta produtividade em relação aos demais, podendo ser utilizados para a produção de fios finos. Essa tecnologia é de desenvolvimento recente em nível mundial, sendo ainda pouco difundida no Brasil.

Os dois últimos tipos de filatórios apresentam vantagens, em relação aos convencionais, por propiciarem alta capacidade de produção, significativa redução de espaço físico das fábricas e eliminação de estágios de produção.

O complexo têxtil está interligado às indústrias químicas e petroquímicas, uma vez que alguns de seus principais insumos “fibras artificiais e sintéticas” são oriundas dessas indústrias. Sendo que, os complexos químicos, juntamente com a agroindústria, se apresentam os encadeamentos para trás — encadeamento do setor com outros complexos — relevantes desse processo produtivo. Pois, a cadeia produtiva têxtil é caracterizada pela descontinuidade das operações, formando um processo produtivo em que o resultado de cada etapa constitui o principal insumo da seguinte: beneficiamento de fibras naturais, fiação, tecelagem e acabamento de tecidos.

5. DISTRITOS E AGLOMERAÇÕES ESPACIAIS

A dispersão espacial da cadeia produtiva têxtil é possível e praticada. Mas existem várias aglomerações, os Distritos Industriais (ou *clusters*), como estratégia de desenvolvimento econômico local para o Brasil.

O conceito de “Distrito Industrial” foi inicialmente descrito por Alfred Marshall (1890) no século XIX para caracterizar as “concentrações de pequenas e médias empresas (PMEs) localizadas ao redor das grandes indústrias”, nos subúrbios das cidades inglesas.

As PMEs eram fortemente “beneficiadas por fatores obtidos gratuitamente” na economia (infra-estrutura, mão-de-obra já treinada, existência de recursos naturais locais, informações sobre as novas técnicas de produção etc.). Além disso, as PMEs eram igualmente “beneficiadas pela proximidade geográfica entre as firmas” bem como pelo seu “elevado grau de inter-relacionamento”, o que lhes asseguravam um clima propício à produção em larga escala, não só reduzindo custos de transporte e de outras transações, mas também proporcionando e agilizando a comunicação entre os produtores — na geografia esse tipo de desenvolvimento é mais conhecido como “teoria do desenvolvimento local”.

Na indústria têxtil, em princípio, existe a tendência a *clusterização*. Nestas aglomerações concentram mais de 60% do emprego industrial. Quanto à localização, predominantemente, buscam setores tradicionais.

No Ceará, o quadro característico desde os primórdios da história da indústria têxtil local, é a concentração espacial na cidade de Fortaleza. Ao se analisar, atualmente, o padrão de distribuição geográfica deste segmento industrial no estado do Ceará, apesar do esforço para alargar geograficamente os efeitos da desconcentração industrial, se percebe claramente a concentração

espacial na área Metropolitana de Fortaleza, mais especificamente no Distrito Industrial de Maracanaú, onde se tem uma forte concentração da atividade industrial têxtil.

Ocorreu uma pequena redistribuição industrial, reconhece-se, mas o grande pólo permaneceu o mesmo. Se houve uma desconcentração, foi uma desconcentração concentradora, ou seja, ocorre à reconcentração da indústria têxtil na área de expansão de Fortaleza, mais especificamente na área da região Metropolitana.

Não existiu, portanto, desconcentração Industrial no segmento têxtil, e sim, uma nova distribuição ou um novo espaço de concentração. A base industrial têxtil cearense permanece basicamente a mesma, em recentes espaços polarizados $\frac{3}{4}$ aglomeração industrial (PERROUX) $\frac{3}{4}$ mas com o mesmo pólo, Fortaleza. Desse modo, não se dá à necessária desconcentração econômica ou ainda possível reestruturação das relações econômicas para o interior do Estado.

A realocação destas indústrias para o Distrito Industrial de Maracanaú é apoiada pela ação do Estado que passa a oferecer vantagens adicionais para atrair novos investimentos. Isto se deu por meios de incentivos fiscais (isenção, reduções e diferenciação de tributária), facilidades financeiras ou creditícias, doação de terrenos, criação de infraestrutura, ou seja, de externalidade e divisão de risco privado do investimento com o setor público. É a guerra fiscal que, é na verdade, uma guerra global entre os lugares, onde cada prefeito, cada governador, luta e oferece o que têm em mãos para o capital se reproduzir no seu território.

Exemplo dessa prática foi os incentivos oferecidos para instalação, no segundo semestre de 1997, no Distrito Industrial de Maracanaú, da

Companhia Têxtil do Nordeste (CTN), que garantiu isenção do Imposto de Renda por 10 anos e incentivos do Fundo de Desenvolvimento Industrial do Estado do Ceará (FDI), através do Provir — atualmente, 70% da produção da CTN é vendida para indústrias de confecções do Sul e Sudeste e 30% são absorvidos pelo mercado local (GUSMÃO, 2000).

6.SEGMENTOS FORNECEDORES⁷

A maior parte dos tecidos no Brasil é produzida a partir de fibras de algodão em maior ou menor proporção. Ceará, outrora de vastos campos de algodão, está hoje reduzido a pequenas manchas brancas no seu sertão, em contraste com produção de seu parque têxtil. O algodão teve participação decisiva no desenvolvimento de nosso Estado, como afirma Silva:

De início era só pecuária [...]. Posteriormente, o algodão assumiu papel de destaque na economia cearense, surgindo daí a importância de Fortaleza como centro coletor e exportador desse produto [...]. O algodão é produto nativo da América, inclusive do Brasil, e já era utilizado pelos nossos indígenas antes da vinda dos europeus (SILVA, 1994, pp. 81-2).

A Indústria têxtil do Ceará faz suas primeiras relações comerciais exatamente com os cotonicultores.

6.1. As relações comerciais

Os fatores existentes neste mercado são amplos, múltiplos e variados, sendo necessário à observância até do fator climático na Região Concentrada do País (SANTOS, 2001), pois a não ocorrência do inverno naquele espaço vai gerar inúmeras perdas comerciais para as fiações locais.

⁷ Embora represente segmento fornecedor importante do setor — possui cerca de 46 empresas produzindo fibras e filamentos artificiais e sintéticos, gerando cerca de 50.000 empregos —, o complexo químico não faz parte do foco central desse estudo.

Fato bastante importante e em alguns pontos até curioso, é que uma fiação de fio têxtil não produz apenas fios para comercialização, durante o processo produtivo ela gera desperdícios de matéria-prima, que propiciam aproveitamentos diversos — sendo estes desperdícios conhecidos na área industrial têxtil como subprodutos — na própria fiação de anéis o subproduto retorna ao início do processo onde novamente é usado numa proporção pequena, 4%, como matéria-prima, ou principalmente, na fiação a rotor onde são aproveitados em proporções bem maiores, até 20%.

Outros retornos de menores qualidades, algo em torno de dez por cento da matéria-prima inicial, são aproveitados pelas fábricas de estofados, travesseiros, no uso automotivo como estopa para limpeza de motores, polimento, ou mesmo na pecuária como alimento bovino, entre outros fins.

A miscelânea comercial não finda aí, muito pelo contrário, existem parcerias outras totalmente distintas do foco principal desta indústria ocorrendo transações financeiras com alguns tipos de materiais: papelão, plásticos, arame, capa de pano, dentre outros.

Faz-se necessário detalhar, para uma melhor compreensão e apreensão, as relações comerciais das indústrias têxteis para com: os fornecedores de matéria-prima e os clientes de produtos acabados.

6.1.1. Com os fornecedores de matéria-prima

As vinte e duas indústrias têxteis de grande e médio porte, filiadas ao Sinditêxtil-CE, consomem cento e sessenta mil toneladas anualmente de algodão, ocupando o lugar de segundo importador desta matéria-prima do Brasil. Os Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais,

São Paulo, Paraná e Bahia, são grandes produtores algodoeiros do Brasil, e fornecem 48,1% da matéria-prima as indústrias têxteis cearenses. O estado do Ceará produz, anualmente, três mil toneladas de algodão, ou 1,9% do consumo de suas fiações. A figura 2. detalha a procedência dos 50% restante, sendo que este último percentual é proveniente do mercado mundial, principalmente da: Argentina, Paraguai, EUA, Canadá, Grécia, Rússia, Índia, Paquistão, Egito, Etiópia e Sudão.⁸

Não é possível, segundo informações prestadas pelo Sinditêxtil-CE, precisar os números exatos provenientes de cada um desses fornecedores, quer sejam nacionais ou internacionais, e em qual época se compra de cada um desses fornecedores, pois existem variáveis que podem interferir, neste comércio e conseqüentemente haver alterações, como por exemplo: queda da safra devida fatores climáticos, preços, ofertas do produto, entre os mais citados. Portanto, as empresas podem comprar mais em uma determinada parte do ano de uma região e mudando o foco para outras quando as condições lhes favorecerem.

Sendo o algodão uma fibra natural, é normal que ocorra alterações em suas características físicas. As principais características físicas do algodão são: comprimento, uniformidade, resistência, finura (micronaire), coloração, maturidade e índice de açúcar.

Todas essas características interferem na qualidade e produtividade; duas dessas características influenciam também na ocorrência de barramento (diferenças de tonalidades após tingimento) no produto final que são: finura e coloração, ambos mensurados através do “High Volume Instrumente” (HVI) — algodão com diferentes finuras absorvem quantidades diferentes de corantes, daí a ocorrência do defeito.

⁸ Trabalha-se com dados referentes à procedência da matéria-prima do final da década de 1990. No ano da conclusão desta pesquisa, 2005, no máximo 20% de algodão provém do mercado mundial. Em torno de 80% é exportado do mercado Nacional. Fonte: Sinditêxtil-CE e informações da Fiação Ceará.

A coloração (grau de brancura e brilho) também pode influenciar na ocorrência de barramento, principalmente quando é originado pelo alto teor de ferro do solo (ex: terra roxa do Paraná). Pode ocorrer o problema também no tecido/malha em cru (por coloração) que desaparecem no tingimento. Por outro lado, existem barramentos que só aparecem após tingir, esses podem ser ocasionados pela diferença de finura. As diferenças de finuras do algodão ocorrem em função dos seguintes fatores: variedades da semente, clima (regime de chuva), tipo e preparação do solo. Em função disso, podem ocorrer grandes variações mesmo em regiões próximas, pois algum produtor pode preparar o solo de modo diferente do outro alterando a quantidade de insumos, por exemplo.

As principais características físicas do algodão são regulamentadas no Brasil pela ABNT, obedecendo a uma ordem numérica, ordem essa que é mais conhecida no Brasil como o “tipo” do algodão ao qual basicamente indica o grau de sujeira contida na amostra, sendo que quanto menor o número de classificação, ou seja, quanto menor for classificado em ordem numérica o algodão será necessariamente mais limpo, sendo que comercialmente não se consegue encontrar o algodão abaixo do tipo quatro devido o seu alto grau de limpeza. Prioriza-se nas indústrias têxteis locais o tipo cinco ou seis.

Quando há a necessidade de compra da matéria-prima, a direção da “Fiação Ceará” — que consome nove mil toneladas/ano de algodão —, entra em contato com os cotonicultores e manifesta o interesse de compra, exigindo o tipo ao qual a indústria trabalha normalmente.

São enviadas amostras da matéria-prima pelos produtores via correio a fim de serem analisadas e comprovadas a qualidade prometida podendo haver rejeição quando os resultados não atenderem a qualidade esperada. Existe outra forma de se analisar a matéria-prima a ser adquirida que é através do classificador *free lance*”.

Este profissional é contratado para fazer o

take up (analisar manualmente o algodão, sendo que a maioria da matéria-prima é comercializada desta maneira) em uma quantidade estipulada previamente de fardos de algodão. O classificador desloca-se até o local de armazenamento quase sempre na própria agroindústria e um a um, de todos os fardos que se pretende comprar, retira uma amostra e verifica a coloração, grau de sujeira, comprimento e resistência. Tudo isso é feito com técnica um pouco rudimentar, através de senso comum, por isso é exigido que seja enviada 10% das amostras analisadas à sede da empresa a fim de ser comprovado cientificamente no HVI.

Caso exista a necessidade de adquirir matéria-prima e os fornecedores rotineiros não tenham condições de atendimento imediato, a empresa tenta conseguir outras fontes para comprar o produto. Caso não consiga realizar o negócio por sua própria competência é realizado contato com corretores que “encontram” o algodão de acordo com os interesses da manufatura em termos de preço e qualidade, sendo observados os mesmos procedimentos de compra que é feito com os parceiros regulares.

Inicia-se a colheita da safra de algodão no Brasil entre os meses de março e junho, sendo que ela é realizada primeiramente nos Estados localizados na parte Oriental brasileira, pois neles o algodão estará em condições de ser colhido primeiro que no espaço Oeste deste País. A matéria-prima para indústria têxtil é comercializada basicamente neste período.

Qual a estratégia espaço-tempo? Seria no momento da colheita da safra, para ter estoque para o restante do ano, começando então a movimentação especulativa: compra antecipado para garantir o produto? Adiar a compra para conseguir melhores preços? Afinal o que deverá ser feito para evitar percas monetárias? Esta política é feita baseada na percepção de mercado, através do acompanhamento da volatilidade do preço do algodão na Bolsa de Mercadorias de Nova Iorque, ou seja, na produção mundial. O estoque mundial também é observado,

qual foi à área plantada, qual a previsão para safra no ano.

Todos estes aspectos são observados e servirão de parâmetros no momento da assinatura do contrato de compra da matéria-prima, pois aqui pode acontecer a diferença de competitividade da empresa no momento da venda de seu produto acabado.

As indústrias têxteis cearenses não costumam comprar o algodão antes da safra ou mesmo no campo um pouco antes da colheita, pois as adversidades, principalmente as climáticas, acabam sendo imprevisíveis e irão alterar a propriedades físicas da fibra. Outro fator, que provavelmente é muito mais forte que o primeiro, para que este comércio não se realize, é por motivo financeiro, pois as indústrias têxteis cearenses não dispõem de capital para comprar matéria-prima na bolsa de mercado futuro. Com isso, termina por sofrer pesadas derrotas no tocante a competitividade, quando os especuladores compram as safras futuras. O comércio internacional compra e exporta a fibra do algodão brasileiro a US\$ 0,88, sendo que quando se faz necessário importar essa matéria-prima, as indústrias locais acabam tendo que pagar US\$ 1,06 (IEMI, 2001, p. 68), existindo ainda a agravante da qualidade desta matéria-prima, pois devido à necessidade e a pressa da aquisição termina chegando até as fiações cearenses, algodão de péssima qualidade.

O grande fator observado no ato da compra do algodão é o seu tipo, e este é, na maioria das vezes, visto através do *take up*. E, conforme já foi descrita, a classificação no campo é feita através de conhecimento empírico com técnica bastante rudimentar e que foi convencionado desde os primórdios da indústria têxtil.

Além do valor que é atribuído ao tipo do algodão quando da análise, o comprimento da fibra é bastante valorizado. Normalmente se compra com o comprimento comercial 32/34 mm (o que foi classificado no *take up*), que no HVI apresenta,

geralmente, resultado de 28/30 mm que é uma fibra de comprimento ideal para uma boa fiabilidade.

Outros dois fatores de bastante relevância que são levados em consideração na compra do algodão são a resistência e a finura da fibra. A primeira que é medida em gr/tex é considerada muito fraca quando está abaixo de 22, fraca entre 23 e 26, média de 27 a 30, forte de 31 a 33, e finalmente a muito forte quando é classificada acima de 34 gr/tex. A empresa pesquisada busca trabalhar sempre com uma resistência acima de 28 gr/tex.

O segundo fator, a finura da fibra, esta é medida pelo micronaire, que tem uma escala de grandeza em micrograma/polegada², sendo que quanto menor o resultado encontrado no micronaire, mais fino é a fibra do algodão.

Outra vantagem do *take up* é evitar *surpresa* na chegada da matéria-prima. Mas caso isso ocorra, o que é muito pouco provável, ou seja, o envio de outro tipo de algodão que não o comprado, é acordado um deságio junto aos fornecedores ou devolvido toda a carga, podendo ainda ser realizado uma permuta.

O mais utilizado destas três situações é o *deságio*. Portanto não sendo realizado o *take up*, com a compra do algodão apenas por amostra, corre-se o risco desta matéria-prima não atender ao que se propõem produzir, e a economia com os serviços prestados do classificador acabam quase sempre se transformando em prejuízo ou em surpresas desagradáveis.

Quando do *take up* o classificador marca os fardos (como é feito nos rebanhos animais com o intuito de identificar o proprietário) que ao chegarem na indústria é retirada uma amostra por fardo, e estas amostras são analisadas no HVI, quando ocorre do resultado ser muito diferente das informações adiantadas pelo classificador, checa-se as “marcas” para constatar se não houve trocas, no caso da resposta ser positiva haverá nova negociação com o cotonicultor conforme já foi descrito. Quando o

resultado não for o esperado e os fardos são os marcados (esse fato não é comum) o classificador é quem perderá a credibilidade.

O teste realizado quando o algodão chega na Fiação Ceará, o de HVI, consiste em analisar as fibras do algodão nos seguintes aspectos: microner (finura) e coloração (que é uma intercessão de grau de brancura com o brilho ou reflectância). A brancura varia numa escala, pré-determinada pela ABNT, de 4 a 18 e do brilho ou reflectância de 45 a 85, sendo que a primeira para os padrões dessa empresa deve variar de 8 a 11 e o segundo de 70 a 80; as tonalidades do algodão variam entre o branco, ligeiramente creme, creme e o avermelhado sendo que o ideal é o mais próximo possível da tonalidade branca.

Outros testes realizados na fibra do algodão são: os de comprimento, de resistência, de uniformidade, do alongamento e de índice de fibras curtas. Tomando como base os resultados dos testes — com HVI calcula-se o índice de fiabilidade —, ou seja, o sistema atribui um peso a cada um desses itens e dar como resposta se o algodão em análise é bom ou fácil de fiar ou se ao contrário é difícil de fiar.

O consumo médio de algodão é calculado de acordo com a capacidade produtiva e o planejamento da venda mês. O estoque ideal mantido no depósito de matéria-prima é para quinze dias e no *mínimo para sete dias*.

A quantidade mínima de estoque, sete dias, é porque na fiação, o algodão fica em processo por volta de seis dias; isso significa que numa mesma caixa de fio, pode ter fios produzidos com algodão alimentado na fábrica com até seis dias de diferença. Isso mostra a necessidade de se manter uma mistura constante no mínimo por uma semana e qualquer mudança deverá ser de no máximo 10% para se ter uma segurança com relação à regularidade e evitar riscos de barramentos.

Os algodoeiros brasileiros com os quais as

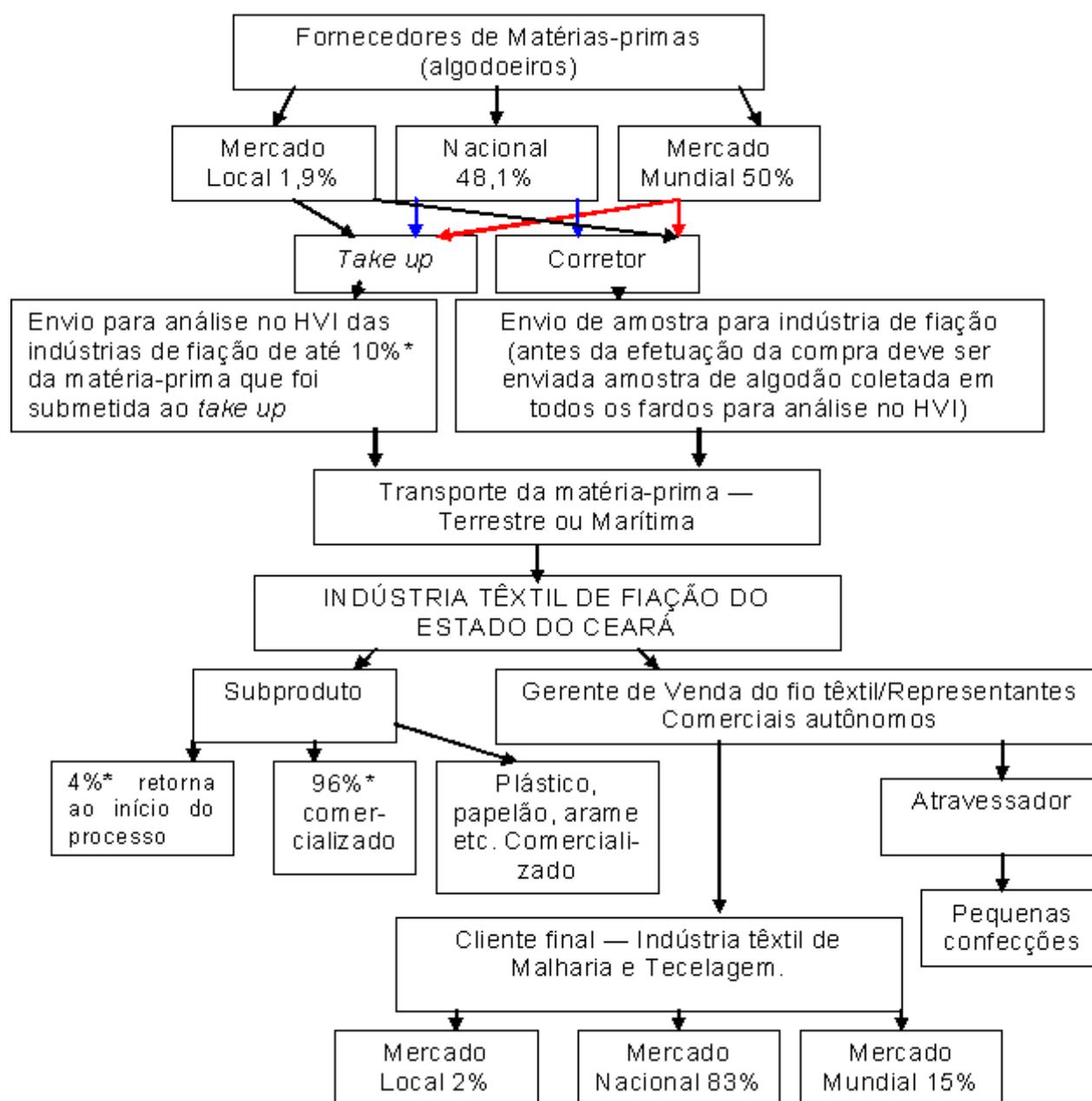
indústrias têxteis do Ceará mantêm parceria comercial, normalmente quando da aquisição do seu insumo básico são possuidores de tecnologias de ponta, desde a seleção das sementes até o beneficiamento. A grande vantagem da tecnologia aplicada por esses agro-industriais além do preço que consegue ser competitivo no mercado internacional é, principalmente, a regularidade obtida na fibra do algodão. Com isso os resultados de fiabilidade deste algodão são mais previsíveis e confiáveis.

O transporte da matéria-prima em nível regional é realizado por via terrestre (a matéria-prima importada, principalmente dos Países fora da América do Sul, é transportada via marítima). O valor do frete é mais um custo direto para o industrial têxtil, pois ele onera em média 6% o preço da carga a ser recebida. Trata-se de um serviço terceirizado que é prestado por transportadoras com aportes operacionais neste Estado ou não.

A qualidade do algodão comprado atende a exigência da indústria têxtil cearense, embora existam melhores qualidades ofertadas no mercado, o capitalista é pragmático, jamais faria investimento, em algo que não agrega valor ao produto final, e conseqüentemente não trará mais lucro. Em outras palavras irá diminuir o seu ganho.

O uso exclusivo de algodão como matéria-prima é opção da empresa, para que seja usada outra fibra, como, por exemplo, sintética ou a fibra artificial, se faz necessário investimento em outras tecnologias como, por exemplo, outra linha de abertura, pois a limpeza destas fibras não necessita de tantos cuidados como uma natural, novas guarnições para as cardas, entre outros.

Com relação à exclusividade quanto ao uso do algodão como matéria-prima no Brasil, Coutinho e Ferraz (1995) revelam outra realidade. Asseveram que o fator preponderante para que isso ocorra é que há excesso de produtos têxteis de fibras sintéticas no mercado mundial, motivados pelo excesso de capacidade produtiva e estoques



* Números da Fiação Ceará.

FIGURA 2 - Diagrama de fluxo dos agentes do processo de comercialização e as etapas da cadeia produtiva (montante e jusante) das indústrias têxteis de fiação do Estado do Ceará no final da década de 1990
Fonte: elaboração do autor, de acordo com o Sinditêxtil-CE e informações da Fiação Ceará.

elevados neste mercado, ocorrendo ainda estagnação, em nível internacional, das demandas destes produtos e agravados na atualidade por grandes investimentos realizados por países asiáticos nos últimos anos da década de 1980. Gerando com isso grande competitividade neste segmento de matéria-prima no Mundo. *O Brasil se especializa no uso do algodão como matéria-prima e consegue ser competitivo.*

Parte significativa dos excessos de estoques, que os produtores procuram colocar em novos mercados mesmo sem realizar lucro, consiste de produtos de fibra artificiais e sintéticas, justamente o segmento mais frágil do complexo têxtil brasileiro, que tem maior competitividade nos produtos baseados no algodão (COUTINHO e FERRAZ, 1995, p. 343).

O industrial têxtil cearense após transformar o seu dinheiro em mercadoria, tem a necessidade de completar e fechar o circuito o mais breve possível, ou seja, comercializar o produto. Vender para realizar o lucro e, portanto transformar a sua mercadoria em dinheiro (D – M – D') conforme Marx (1985) em realizar a mais-valia.

6.1.2. Com os clientes dos produtos acabados

Para facilitar a fluidez do fio produzido nesta manufatura, existe escritório da fábrica no estado de São Paulo. Na Av. Paulista, o centro financeiro brasileiro, é o espaço em que gerente de vendas — com vínculo de trabalho regido pela CLT — deste segmento industrial mantém contatos e fecha contratos com os clientes que estão localizados logo na seqüência da cadeia vertical têxtil.

A Fiação Ceará mantém relações com representantes comerciais, autônomos, nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, principalmente nos estados de São Paulo e Santa Catarina. As demais indústrias

do Estado do Ceará não são diferentes. Basicamente utilizam a mesma estratégia para comercializar seus produtos com o Brasil e o Mundo.

As produções têxteis do estado do Ceará de fios/tecidos e índigos são de 140 mil toneladas/ano, sendo que exporta 98% de toda esta produção, assim distribuídos: 83% para os estados de São Paulo, Santa Catarina e Paraná; para países diversos espalhados nos cinco continentes, são destinados 15% de sua produção. O mercado local absorve apenas 2% do produto final destas indústrias.⁹

Os representantes comerciais são profissionais autônomos que saem a campo oferecendo os produtos produzidos pelas indústrias têxteis. São eles quem emitem o pedido de compra, fazendo o primeiro e o principal contato com o cliente. A função tem grande importância para a realização da venda, pois no caso de não existir relação prévia entre vendedor e comprador este último nem ao menos recebe quem oferece o produto.

Estes representantes não guardam lealdade às indústrias, alguns deles representam diversas delas. Não são obrigados a manter exclusividade ou guardar fidelidade. Eles vendem de acordo com o preço ofertado, as condições de pagamento, procura, qualidade e quantidade do produto, buscando priorizar aquele que melhor conseguir se adequar às condições do mercado imediato. Este profissional demonstra claramente o espírito do capitalismo. Vendem e compram a quem pagar o melhor preço. A busca sempre do maior lucro e das melhores condições encontradas. O valor de compra é o que se prioriza em detrimento do comprador, de suas expectativas, de suas necessidades e de seus anseios.

Um ponto bastante relevante é que o preço do fio têxtil embora seja volátil, fato comum ao mercado capitalista, é do conhecimento pleno entre os produtores o preço praticado pelos concorrentes.

⁹ Números referentes ao final da década de 1990, de acordo com o Sinditêxtil - CE e informações da Fiação Ceará.

Não havendo, portanto, “segredo” no que tange a este aspecto no mercado industrial têxtil. Ou seja, ao adquirir a mercadoria o comprador sabe perfeitamente os valores ofertados e o vendedor o preço praticado pelos seus concorrentes.

O gerente de vendas é um reforço ao representante comercial, sendo funcionário da empresa fala exclusivamente em nome dela, é ainda responsável por visitas periódicas aos clientes, visitas estas que são de interesse comercial e para ambos, cliente e empresa. Tendo ainda como atribuição eventual receber reclamações sobre os produtos vendidos e enviar tais reclamações para a matriz. Este profissional é também um diferencial para vendas, pois a confiança do comprador no produto ofertado, acaba sendo relacionada à pessoa do gerente de vendas. A flexibilidade e a empatia são pontos que devem existir no desempenho desta atividade, pois em muitas vendas realizadas pelo representante comercial se faz necessária sua anuência, devido às limitações do representante.

Raramente se faz necessária à intervenção da diretoria da empresa. Exemplo da intervenção direta destes é quando das condições de pagamentos fora do prazo regulado pela política interna de cada uma das indústrias e que são eventualmente pedidas pelo cliente.

7. COMO AGEM OS PROVÁVEIS COMPRADORES DOS FIOS TÊXTEIS

As indústrias compradoras de fios têxteis, mesmo as que são consideradas como parceiras ou clientes regulares de uma fiação, não adquirem o produto de um só fornecedor, muitas delas compram de quatro ou até de mais empresas. Isto ocorre devido ao fato de em alguns momentos de demanda elevada no mercado de confecções elas terem condições de aumentar o pedido sem haver tanto o risco da negativa como no caso de um único fornecedor, devido aos limites técnicos deste. Outro motivo é a possibilidade de comparar a qualidade entre os produtos de indústrias variadas e poder exigir a qualidade que melhor lhe convém para que se

obtenha um melhor rendimento em sua malharia ou tecelagem, tendo como parâmetro fios têxteis de produtores variados.

O cliente eventual, por não guardar fidelidade, acaba sem matéria-prima nos momentos de grande demanda. Este cliente mantém-se fiel somente a suas finanças, ou seja, procura sempre o menor preço, a melhor oferta, sendo que nos momentos de retração do mercado acaba conseguindo o seu intuito, mas sofrendo prejuízos no “aquecimento” deste mercado, pois compra o fio acima da cotação dos clientes regulares ou ainda, em casos extremos, ficando sem matéria-prima para a sua produção.

Existe ainda um tipo de cliente que não se enquadra nas descrições anteriores, este, não é proprietário de meios de produção. A compra do produto da indústria analisada ou de outra concorrente é realizada com fins especulativos. É o atravessador. Esse cliente compra o fio para revendê-lo sem que para isso se faça necessário acrescentar valor ao produto adquirido. Seus maiores clientes são as pequenas confecções que não tem crédito junto a grande indústria. Não são cadastradas por estas. Ou por outro lado, já foram parceiras, mas tiveram problemas de inadimplências no mercado. Percebe-se que o atravessador faz investimento de alto risco, compensa-o com preço elevado na revenda do fio, e com altos juros praticados nos financiamentos, pois é política rotineira no mercado têxtil a venda a prazo. Com esta prática contribui para inflacionar o valor do fio têxtil e multiplicar rapidamente o seu capital financeiro.

8. A CONCORRÊNCIA CAPITALISTA NO MERCADO DO FIO TÊXTEL

As estratégias das indústrias têxteis são condicionadas por dois princípios. O primeiro é de elevar a exploração de seus trabalhadores †exploração não é sinônimo de baixos salários. É a diferença entre o que o operário custa (seu salário) e o que ele traz (sua produtividade). Quanto maior for a diferença, maior a possibilidade de auferir um

lucro elevado. O segundo objetivo de todo o capitalista é vencer a competição. Assim, cada capitalista tem o maior interesse em eliminar seus vizinhos, antes que estes o esmaguem. É a guerra por fatias no mercado.

Diante da terrível competitividade, cada indústria quer, a todo o custo, vencer a outra, para tomar o seu mercado. Assim agem as indústrias capitalistas, e a indústria de fiação é um exemplo concreto disto — é comum espalhar boatos para quebrar o concorrente —, por exemplo, que não consegue honrar prazos de entregas, que produziu fio de péssima qualidade e que este fio não consegue produzir bem na malharia ou na tecelagem, etc. Deslealdade é uma arma!

Desse modo, cada empresa trata de realizar seus objetivos contra os concorrentes, às expensas destes. Isso os incita a serem mais agressivos. A concorrência se apóia fundamentalmente sobre essa violência: os mais fortes conquistam fatias do mercado, os demais são ameaçados pela falência. O capitalismo premia os competidores mais agressivos: os vencedores. E esses ganham às custas dos demais. *O círculo virtuoso de uns acarreta o círculo vicioso dos outros.*

A indústria têxtil utiliza a figura do representante comercial ou do gerente de vendas ou ainda de sua direção administrativa como fator preponderante para acalmar estas turbulências criadas em virtudes de serem esses boatos quase sempre irreais ou pelo menos exagerados, mas bastante comum na concorrência do setor têxtil.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço do estado do Ceará passa a ser exportado. Importam-se empresas têxteis para o solo cearense. Impõe-se de fora, não somente em nível

Nacional, mas muitas das vezes de exterior do País, o que deve ser a produção, a circulação e a distribuição dentro do Estado. Rompendo a divisão interna do trabalho com o reforço de uma divisão internacional do trabalho que determina como e o que produzir e exportar. Neste novo momento não interessa a vontade do lugar, mas sim, do capital nacional ou ainda internacional, é a unicidade técnica. O centro de decisão é fora do local de produção.

Busca-se a todo o custo a homogeneização, onde ondas de modernizações e crescentes mercantilizações conectam o local e o global. Percebe-se integração †inter-relação espacial entre indústrias —, onde espaços dominantes e espaços subordinados estão organizados de acordo com a lógica do capital. É a organização do fazer e do mandar. É a falsa impressão que se tem com a frase, pronta e simplista, do “espaço excluído do capital”, quando na verdade, o que se tem, são “desenvolvimentos desiguais e combinados” de acordo com a necessidade e a lógica do capital. Tudo isto ligado e favorecido por cabos e fibras óticas. As infovias. Onde os acréscimos técnicos combinados com a política, são destinados a permitir uma nova modernização sempre seletiva.

As empresas passam a trabalhar em rede.¹⁰ Trata-se de um novo tipo de paradigma organizacional: a empresa rede. Tanto o espaço quanto o tempo estão sendo alterados, transformados sob o feito de um novo paradigma baseado nas tecnologias de informação. Há uma nova lógica em curso relacionada ao espaço. Um “espaço de fluxos” que se contrapõe à lógica arraigada na experiência comum “o espaço dos lugares” (CASTELLS, 1999, pp. 512-8). O conhecimento, o processamento e informação, tornam-se elementos fundamentais dos novos processos produtivos e cruciais ao novo modelo de desenvolvimento do segmento têxtil cearense.

¹⁰ Defini-se rede baseada em Castells: “é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente o que um nó é depende do tipo de redes concretas do que falamos. São mercados de bolsas de valores [...]. São conselhos nacionais [...]. São sistemas de televisão [...]. Transmitindo e recebendo informações sinais na rede global da nova mídia no âmbito da expressão cultural e da opinião pública, na era da informação”. (CASTELLS, 1999, p. 566).

Os empresários do setor têxtil do estado do Ceará, buscam a abertura de novos mercados, e baseado em Castells, para que isso ocorresse precisaria que o capital tivesse extrema mobilidade e as empresas uma maior capacidade de emitir informações. A interação entre a desregulamentação dos mercados e as novas tecnologias da informação, propiciaram tais condições. Há, contudo contribuição preciosa de desenvolvimento do Estado, para que isto venha a se concretizar, o real conteúdo dessas medidas e de sua conexão com estratégia de intervenção positiva, tais como políticas tecnológicas e educacionais que aumentam os recursos e talentos do País no âmbito da produção informacional.

O tempo de transformação do capital, de mercadoria em dinheiro, e de dinheiro em mercadoria, constituem função fundamental para o capitalista. Sendo que essa torna-se tarefa exclusiva de terceiras pessoas por eles pagas. O tempo empregado para essa transformação é um custo necessário, ao qual o capitalista urge em torná-lo cada vez mais ínfimo. Pois

[...] o tempo de rotação do capital é igual à soma do tempo de produção e do tempo de circulação. Está, pois evidente que, se varia o tempo de circulação, varia também o tempo de rotação, a duração do período de rotação (MARX, 1970, p. 263).

A empresa rede (CASTELLS, 1999) busca superar a distância física entre o local de produção e o mercado, onde a mercadoria é vendida. Melhorias nos meios de comunicação e de transporte são algumas das novas técnicas utilizadas dentro do território. Aumenta sucessivamente a velocidade do movimento no espaço e assim reduz-se no tempo a distância Geográfica. Dessa forma

[...] quantidades sucessivas de mercadorias podem ser transportadas em intervalos mais curtos e assim aparecerem sucessivamente no mercado, não tendo de ser acumuladas em grandes massas como capital-mercadoria potencial até a expedição efetiva (MARX, 1970, p. 265).

Para que se possa dimensionar a importância das redes para o momento atual do sistema de acumulação capitalista, pode-se afirmar que para entender o fenômeno da globalização é necessário recorrer ao seu correlativo: as redes, que é a forma como ela se materializa e efetiva. As redes são ainda os mecanismos que permitem a articulação e integração de todos a todos os níveis, de forma horizontal e suportada por redes das mais diversas naturezas, de pessoas físicas, organizacionais ou mentais.

Para melhor compreender o local, rede e global na economia têxtil deve-se atentar para o fim do sistema das cotas que disciplinava o comércio mundial de têxteis há quarenta anos e que passou a vigorar a partir de primeiro de janeiro de 2005. Quando a partir de então começa com liberdade total a disputa de mercados entre países.

O sistema de cotas foi revisto, em 1995, através do Acordo Geral sobre Têxteis e Vestimentas (ATV), que estabeleceu prazo de 10 anos para suprimi-la, gradualmente, e preparar as indústrias para liberalização total do comércio têxtil.

O resultado desta alteração é que desde primeiro de janeiro de 2005, grandes países exportadores têxteis como a China, Paquistão e a Índia, podem exportar livremente para os Estados Unidos, Europa, ou, finalmente, para qualquer parte do Globo.

A China foi o maior fornecedor de têxteis para países europeus no ano de 2003, com 17,5% do total de importações e 16% do total de importações dos Estados Unidos.

O momento atual é que a China comprou 65% de toda produção da fabricante alemão de máquinas têxteis trützschler dos próximos anos. Portanto, a perspectiva é de que a China absorva grande parte do mercado internacional têxtil num futuro próximo.

O consumo mundial não aumenta na mesma

velocidade da demanda que se deslumbra. Resultado disso é que vai sobrar oferta de produto têxtil no mercado mundial. Principalmente das indústrias sem qualidade, com baixa produtividade, obsoleta, e conseqüentemente, com alto custo produtivo.

Os impactos no mercado nacional, muito provavelmente, serão: Excesso de oferta de mão-de-obra — devido demissões —, diminuição das exportações ou, para algumas indústrias, zerar as exportar — já é realidade os dois casos —, com isso, pressionando o preço do fio para patamar inferior e alimentando exponencialmente as exigências por qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. **O segmento de malharias da indústria têxtil do Nordeste**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1999.

_____. **Competitividade da indústria têxtil do Nordeste**. Fortaleza: Escritório de Estudos Econômicos do Nordeste — ETENE —, 1997.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. Tradução Nathanael C. Caixeiro. 3^o ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora.

CASTELLES, Manuel. **A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura**; v. 1. 6^a ed. Tradução: Roneide Venâncio Majer; atualização para 6^a edição: Jussara Simões. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COUTINHO, Luciano G.; FERRAZ, João Carlos (coords.). **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. 3^a ed. Campinas, SP: Papirus, editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

GAZETA MERCANTIL. **Panorama Setorial**. Vol. I, II, III e IV. São Paulo: novembro, 1999.

GUSMÃO, Marcus. **Área têxtil acelera**

desenvolvimento no Ceará. Outubro. 2000. http://www2.uol.com.br/JC/cadenosdonordeste/ne2710_13.htm

<Http://www.global21.com.br/informessoriais/setor.asp?cod=11>

INSTITUTO DE ESTUDOS E MARKETING INDUSTRIAL. **Brasil têxtil 2001: 1^o relatório do setor têxtil brasileiro**. São Paulo: IEMI, 2001.

MARX, Karl. **O capital: crítica a economia política** † livro segundo: o processo de circulação do capital. Volume III. Tradução Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A. 1970.

MELO, Patrícia Campos. **Algodão brasileiro vira o jogo e ganha mercado externo**. JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo: 21 de setembro, 2003.

SAMPAIO, Dorian. **Anuário do Ceará 96/97**. Fortaleza: Empresa Jornalística O Povo, 1997.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, José Borzacchiello. **O Algodão na Organização do Espaço**. In: SOUZA, Simone de (Coord.). *História do Ceará*. 2^a ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994, pp. 81-92.